

WORLD  
WARCRAFT®

CRIMES DE GUERRA

CHRISTIE GOLDEN

*Tradução de*  
Larissa Salomé  
Rodrigo Santos  
Yuri Riccaldone

1ª edição



---

G A L E R A R E C O R D  
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO  
2014



**ILHA DO  
TROVÃO**

PICO VIOLETA

# PRÓLOGO



**D**raenor. Terra natal dos orcs e, durante muito tempo, o lar de Garrosh Grito Infernal. Nascera nas paragens mais belas e verdejantes daquele mundo, as terras de Nagrand. Ali resistira à varíola vermelha e à desonra perpetrada por seu pai, o lendário Grom Grito Infernal. Quando a magia demoníaca corrompeu Draenor, Garrosh culpou aquela lenda. Ele sentira vergonha de ter o mesmo sangue que Grom até Thrall, chefe guerreiro da Horda, lhe contar que, embora seu progenitor tivesse sido o primeiro a aceitar a maldição, ele sacrificara a vida para dar fim ao suplício.

Draenor. Da última vez que estivera ali, com o coração cheio de orgulho e um amor ardente pela Horda de Azeroth, Garrosh defendera seu novo lar dos horrores do Lich Rei.

Eis que o orc regressava uma vez mais.

Draenor mudara muito desde sua última visita. Então, a terra emanava uma energia nefasta, os animais estavam doentes e eram poucos. Desta vez, reencontrava o mundo de sua infância. E como era belo!

Garrosh ficou imóvel e contemplativo. Seu corpo forte e adornado pelas mesmas tatuagens que outrora adornaram a pele de seu pai voltava-se para o sol, deixando o ar doce e puro adentrar seus pulmões. Parecia impossível, mas era verdade.

Naquele lugar impossível, deu-se um fato impensável: diante de seus olhos, materializou-se a imagem de seu pai. Grom Grito Infernal sorria — e sua pele era castanha.

Por alguns instantes, o assombro fez com que Garrosh deixasse de ser um bravo guerreiro, herói e chefe da Horda para voltar a ser uma criança que vê o pai retornar após uma longa ausência.

— Pai! — gritou o orc, caindo de joelhos, sobrepujado pela visão. — Eu voltei para casa. Para a nossa terra natal. Perdoe-me por duvidar de sua honra!

Garrosh sentiu a mão do pai sobre o ombro e ergueu os olhos para fitar seu rosto. Com a voz trêmula, prosseguiu:

— Logrei vários feitos em honra de seu nome, e também o meu nome se tornou amado pela Horda e temido pela Aliança. Você... sabe dessas coisas? Por favor, pai, diga-me... você se orgulha de mim?

Quando Grom abriu a boca, ouviu-se um clangor metálico e a imagem do orc desapareceu.

Garrosh despertou em estado de alerta, como sempre fazia.

— Bom dia, Garrosh. — A voz era agradável. — Trouxemos o seu café da manhã. Por favor, queira se afastar.

Tivessem os carcereiros demorado um pouco mais, o orc ouviria a resposta para a pergunta que o assombrara e que mais o instigara em toda a sua vida. Se pudesse, estrangularia a pandarena pela intromissão. Sua compostura já bastava para causar ódio ao orc.

Garrosh, que trajava um manto encapuzado simples, limitou-se a apresentar uma expressão imperturbável enquanto se erguia dos pelames que usava para dormir. Afastou-se o máximo possível das grades de metal e das janelas da cela, que emitiam uma luz violeta, e aguardou. A maga vestia um manto comprido, adornado por padrões florais. Ela deu um passo à frente e iniciou um encantamento. A luz das janelas se apagou. Outros dois pandarens — gêmeos idênticos — se aproximaram. Um dos irmãos observava Garrosh, enquanto o outro fez deslizar uma refeição composta de chá e pães sortidos através de uma abertura no nível do chão. Ao se levantar, o guarda indicou com um gesto que Garrosh já podia pegar a bandeja.

O orc não se moveu.

— Quando será minha execução? — perguntou, impassível.

— Seu destino ainda está sendo decidido — respondeu-lhe um dos irmãos.

Garrosh quis arremessar a comida contra as grades, ou melhor, projetar-se num salto veloz e imprevisível, e esmagar a traqueia de seu

sorridente algoz, antes que a pandarena pudesse intervir. Não fez nem um, nem outro. Com gestos calmos e controlados, dirigiu-se ao pelame e se sentou.

A maga reativou a barreira mágica violeta, e os três pandarens foram-se embora rampa acima. A porta bateu às suas costas.

*Seu destino ainda está sendo decidido.*

O que, em nome dos ancestrais, significava isso?





— **É** um lugar belo e sereno demais para servir de prisão a alguém tão horrível — ponderou Jaina Proudmore, enquanto se aproximava do Templo do Tigre Branco. Ela, o dragão azul Kalecgos, a General-patrolheira Vereesa Correntos e o Rei Varian Wrynn eram conduzidos por um coche. O iaque que o puxava tinha o passo constante e pelos macios, indicando que havia sido banhado recentemente. Cada sulco de terra que as rodas encontravam faziam o veículo inteiro se sacudir. Não obstante, ele fora revestido com um estofado de seda de cores vibrantes, em reconhecimento à honra de seus passageiros.

— É bem mais do que ele merece — sentenciou Vereesa. Ela fixou os olhos em Varian. — Você não deveria ter impedido Goël de matá-lo, Vossa Majestade. A única justiça que há para aquele monstro é a morte, e mesmo a morte ainda será uma punição misericordiosa demais para os crimes que cometeu.

O tom da general-patrolheira era enfático, mas Jaina não a culpava. Mesmo porque, compartilhava dos sentimentos de Vereesa. Garrosh fora responsável pela destruição — não, “destruição” é uma palavra suave e clínica demais para o que ele fizera —, pela *obliteração* da cidade-estado de Theramore. Num piscar de olhos, centenas de mortos jaziam aos seus pés. Garrosh, então chefe guerreiro da Horda, tramou um ardil que consistia em reunir vários dos melhores generais e almirantes da Aliança em Theramore para discutir os termos do que seria, supos-

tamente, uma guerra limpa e honesta. Em vez disso, o orc lançou, no coração da cidade, uma bomba de mana cujo poder fora ampliado por um artefato roubado da Revoada Dragônica Azul. *Tudo e todos* no raio de explosão da bomba morreram. Jaina balançou a cabeça para afastar a triste lembrança dos vários amigos queridos que havia perdido. Jaina Proudmore nunca mais ocuparia o trono da grã-senhora de Theramore.

Um toque gentil em seu braço a trouxe de volta ao presente. Era o dragão azul Kalecgos, a única coisa boa que surgira nesse desastre. Ele e Jaina talvez nunca tivessem se encontrado, caso ele não tivesse ido a Theramore pedir-lhe ajuda para recuperar a Íris Focalizadora. Ao passo que a maré da guerra trouxera a Jaina um novo amor, esta mesma maré arrebatara o amor de Vereesa Correventos. Rhonin, o arquimago que antecederia Jaina como líder do Kirin Tor, postara-se no coração da cidade e atraía a bomba de mana sobre si, de modo a reter a explosão por artes de mágica. Enquanto fazia isso, empurrara Jaina através de um portal, salvando-a. Jaina, Vereesa, a elfa noturna Shandris Plumaluna e algumas de suas sentinelas foram as únicas sobreviventes.

A líder do Pacto de Prata jamais se recuperara da perda — e, provavelmente, jamais se recuperaria. Vereesa sempre fora forte e franca, mas agora suas palavras eram rancorosas, e um ódio gélido e amargo, como as neves de Nortúndria, habitava seu coração. Graças à luz, bastava dirigir-se aos filhos gêmeos, Giramar e Galadin, e o gelo derretia.

Tivesse isto se passado algum tempo atrás, Varian teria mordido a isca e se enfurecido com a reprovação aberta de Vereesa. Agora, ele se limitara a dizer:

— Seu desejo ainda pode ser cumprido, Vereesa. Lembre-se do que Taran Zhu nos prometeu.

Depois que Varian impediu Go'el — outrora conhecido como Thrall, antigo chefe guerreiro da Horda e atual líder da ordem xamânica Harmonia Telúrica — de desferir o golpe de misericórdia com o poderoso Martelo da Perdição, Garrosh fora entregue aos cuidados dos pandarens, um povo que possuía a confiança tanto da Horda quanto da Aliança e que já havia sofrido bastante nas mãos de Garrosh. Taran Zhu, senhor dos Shado-pan, assegurou-lhes de que o orc seria levado à corte e de que a justiça seria feita para todos. Ele estava preso no porão do Templo do Tigre Branco e sendo vigiado rigorosamente. Dois dias antes,



um emissário do celestial Xuen levava a mensagem: *Solicitamos sua presença no templo para decidir qual será o destino de Garrosh Grito Infernal.*

Nada mais.

Todos os líderes da Aliança receberam a mesma carta. Jaina avistou alguns deles, no sopé da colina. Subiam em coches como aquele, que os levariam ao templo. A Rainha-regente Moira Thaurissan, uma das três líderes enânicas, discutia com um pandaren de aspecto sereno e apontava para o coche. Sem dúvida, não o achava digno de sua “imensa” majestade.

— Eu me lembro — retomou Vereesa. — Aparentemente, a questão é importante para os celestiais. Mas, se é tão importante assim, por que não nos deixaram ir para o templo voando? Por que perder tempo nessas carroças?

— Estamos aqui a convite deles — interveio Kalec. — Se estão dispostos a esperar pelos coches, nós também temos que estar. Além do mais, a viagem não é tão longa assim.

— Falou a voz da paciência dragônica — retorquiu Vereesa.

— Sou o que sou — respondeu-lhe o dragão, sem se deixar afetar pelo comentário.

Sim, pensou Jaina, de fato, ele era o que era, aquela era sua natureza, e ela estava feliz que assim fosse, embora ainda precisassem amadurecer muitas coisas em seu relacionamento.

Ela tentou se acomodar no banco estofado e desfrutar do lento passeio pela estrada sinuosa. Pandária esbanjava paz e beleza onde quer que os olhos pousassem. Cerejeiras rosa explodiam em flor, e seus galhos murmuravam ao toque do vento. Estátuas de tigres brancos guardavam o primeiro portão. A partir daí, o caminho ficava mais íngreme. O carro prosseguia em marcha constante, e o frio se adensava. Jaina sentia-se grata pelo calor das tochas que passavam e cobriu sua figura esguia com um manto. Uma neve rala surgiu na estrada, aumentando de volume à medida que subiam. Jaina sentiu uma leveza profunda e, subitamente, compreendeu o que se passava. Estava ciente da importância de se estar concentrado e focado para conjurar um feitiço. Tornou-se claro para ela que, à sua própria maneira, os celestiais ofereciam a seus convidados a oportunidade de se focar. Ao tomar o coche para subir a montanha e circundar a estrutura externa do templo, expostos à beleza e à paz que aquele caminho oferecia, Jaina e seus companheiros tinham

a oportunidade de deixar de lado os deveres da vida cotidiana e chegar ao destino tranquilos. Então, deixou que o ar, perfumado pela fragrância das cerejeiras, limpasse sua mente.

Ela e Kalec estavam sentados de costas para a estrada, de modo que não viram o motivo que levara Vereesa a contorcer belo rosto num esgar e Varian a morder os lábios. O coche estacou diante da primeira das pontes de corda. Sem sequer pensar, a elfa superior levou a mão ao quadril e, ato contínuo, cerrou o punho ao se lembrar de que haviam lhes pedido que não trouxessem armas ao templo.

— O que *eles* estão fazendo aqui? — Chiou Vereesa, logo em seguida respondendo à própria pergunta. — Bom, Garrosh era o *líder* da Horda. É de se supor que estariam presentes quando fossem decidir seu destino.

Jaina se virou para poder ver o pátio do templo e, então, arregalou os olhos. Engolindo em seco, lembrou-se da estratégia que Garrosh usara em Theramore: reunir os maiores estrategistas da Aliança em um só lugar, fazendo-os acreditar que o convite também se estendia aos líderes da Horda. O novo chefe guerreiro e contraparte de Varian, o troll Vol'jin também estava lá. Um troll seria melhor ou pior do que outro orc? Havia alguma diferença, afinal? Nem mesmo o antigo chefe guerreiro, Thrall, que agora atendia pelo nome de Go'el, conseguiu arrefecer a natureza violenta da Horda, e não foi por falta de tentativa.

Foi exatamente enquanto pensava nele que os olhos de Jaina encontraram o xamã órquico. Ao lado de Go'el estava sua companheira, Aggra, que levava uma manta nos braços.

O filho de Go'el.

Jaina ouviu dizer que o orc havia se tornado pai, e corriam boatos de que Aggra já estava grávida de novo. Em tempos idos, Jaina teria sido convidada a embalar o pequenino, mas não agora. Go'el inspecionava a comitiva quando o azul de seus olhos encontrou o azul nos olhos dela.

Um misto de raiva e tristeza fez com que Jaina desviasse o olhar.

Buscando se distrair, ela se voltou para o mais alto dos líderes da Horda, Baine Casco Sangrento. Além de Go'el, Baine era o único líder da Horda que Jaina já considerara como amigo. Garrosh matara o pai do tauren, Caerne, e depois ficou de braços cruzados enquanto os Temível Totem atacavam o Penhasco do Trovão. Não obtendo ajuda alguma da

Horda, Baine recorreu ao auxílio de Jaina na luta contra Magatha — favor que Jaina prestou com satisfação. Baine retribuiu alertando-a do ataque iminente a Theramore. No entanto, Baine presumiu que seria uma batalha comum. Ele não tinha conhecimento do roubo da Íris Focalizadora, nem dos propósitos letais que Garrosh lhe reservara. Na opinião de Jaina, a dívida estava paga.

Além do tauren, avistou outras figuras importantes: Lor'themar Theron, dos elfos sangrentos, com quem havia — relutante — negociado recentemente, e o desprezível Príncipe Mercador goblínico, Jastor Gallywix, com sua ridícula cartola de sempre.

Ao saírem do coche, um pandaren em trajes de monge recebeu-os com uma mesura e disse:

— Que nossos honrados hóspedes sejam bem-vindos à primeira reunião de *todos* os líderes da Horda. Aqui, reinará a paz. Vocês juram obedecer a esta lei?

— Achei que havíamos vindo para ver a justiça ser feita — retorquiu Vereesa, mas Jaina a interrompeu com um toque no braço. Vereesa mordeu os lábios e não disse mais nada. Desde a morte de seu marido, ela gravitava ao redor de Jaina, e a líder do Kirin Tor era a única que conseguia pôr panos quentes sobre o ódio que Vereesa nutria pela Horda.

— Queiram compreender que em nossos corações não há paz — disse Jaina ao monge —, mas dor, raiva e sede de justiça, como disse Vereesa. De minha parte, contudo, não oferecerei violência.

Os outros três consentiram, embora Vereesa proferisse as palavras com dificuldade. O pandaren os convidou a acompanhá-lo. Atravessaram a ponte balouçante, subiram a imensa escadaria central e adentraram o coliseu.

Aysa Canta Nuvens, uma das primeiras pandarenas a se juntar à Aliança, estava à porta do templo. Os recém-chegados a cumprimentaram com uma mesura, e os olhos dela brilharam de felicidade. Aysa havia se estabelecido em Ventobravo, e Jaina não a havia visto desde então.

— Sabia que viriam — saudou-lhes Aysa, retribuindo a mesura. — Muito obrigada.

— Aysa — disse Varian —, o que está havendo?

— Tudo o que sei é que requisitaram aos líderes da Aliança e da Horda que viessem se reunir pacificamente, e que os Celestiais Majesto-

— sos tomaram alguma decisão. Peço-lhes que adentrem o templo em silêncio e que aguardem à esquerda da área central. Os celestiais chegarão logo, logo. — Seu tom de voz estava mais alto do que de costume, traindo certa inquietude. Não era um bom sinal, mas todos assentiram em fazer o que ela havia pedido.

— Ji também está aqui? — perguntou Jaina. Aysa hesitou. Ji Pata de Fogo fora o primeiro pandaren a se aliar à Horda, ao passo em que Aysa escolhera a Aliança. Isto os dividira, até que Garrosh se voltou contra Ji, o qual chegou muito perto de ser executado. Que os dois se gostavam muito era óbvio, mas o que aconteceria entre eles doravante não era assim tão claro.

— Está. Por ora, estamos juntos, e o momento é precioso para nós dois. — Limitou-se a dizer a pandarena. Jaina não insistiu no assunto. A arquimaga tinha esperança de que o julgamento servisse para mostrar a Ji que se aliar à Horda seria um erro.

O Templo do Tigre Branco era vastíssimo. Ali, na arena cavernosa, que ficava no centro do templo, os disciplinados monges pandarenos treinavam, sob os olhos vigilantes de Xuen, para se tornarem mestres das artes marciais. Apesar da vastidão, o ambiente não era opressor. Talvez isto se devesse ao fato de que, apesar dos inúmeros assentos, ali testemunhava-se apenas a habilidade, e nunca a morte.

A entrada ficava ao sul, e, no lado oposto, havia um trono flanqueado por duas tocheiras enormes. A oeste, norte e leste, viam-se vários estandartes. Sobre o chão, havia sete grandes aros de tamanhos gradativos, contidos uns dentro dos outros, sendo o central o mais robusto e mais afastado do superior. A luz do dia, que adentrava pelas portas abertas, e algumas lanternas, que pendiam do teto, iluminavam a câmara.

Alguns de seus companheiros já haviam chegado. O filho de Varian, o Príncipe Anduin, foi até eles e abraçou o pai. Jaina ficou feliz ao ver o carinho com que se tratavam, dado os transtornos que, fazia pouco, haviam perturbado sua relação. Anduin, que dentre eles fora o que passara mais tempo naquelas terras, pôs o dedo sobre os lábios, e todos assentiram em muda compreensão.

Conforme requisitado, dirigiram-se, em silêncio, à Alta-sacerdotisa Tyrande Murmuréolo, representante dos elfos noturnos, e à general das Sentinelas, Shandris Plumatuna. Velen, o antigo líder dos alienígenas

nas draeneicos, cumprimentou-os com um meneio de cabeça. Anduin se pôs ao lado do professor e amigo enquanto os outros se ajeitavam. Genn Greymane, rei de Guilnéas, adentrou a câmara na companhia do Grão-faz-tudo Gelbin Mekkatorque. Atrás deles, vieram Moira, Muradin Barbabronze e Falstad Martelo Feroz, o triunvirato que representava os reinos enânicos.

Greymane optara pela forma de worgen. A escolha era bastante significativa. Ao mesmo passo em que declarava à Horda que alguns membros da Aliança conheciam o lado mais primitivo da natureza, dizia também aos seus aliados que isto não lhes causava vergonha alguma.

No lado direito da câmara, reuniam-se os representantes da Horda, cuja visão fazia Jaina retorcer os lábios. Então, Goël estava acompanhado de seu velho amigo e conselheiro Eitrigg e de outro orc ancião — Jaina o conhecia. Era Varok Saurfang. Seu filho Dranosh tombara no Portão da Ira. O Lich Rei o ressuscitara, apenas para que tornasse a tombar — desta vez, a morte fora definitiva. Varok era um guerreiro empedernido, mas também era pai e pranteava um filho valoroso.

Notando a inquietação súbita de sua companheira, Jaina seguiu o olhar de Vereesa.

Uma figura esguia e graciosa adentrava o Templo do Tigre Branco. Num olhar rápido, diriam se tratar de uma arqueira élfica, porém sua pele era de um azul pálido, e seus olhos, de um vermelho vivo, como se deixassem entrever uma chama voraz.

Sylvana Correntos, Dama Sombria dos Renegados e irmã de Vereesa havia chegado.



**D**epois de Mulgore, o lugar que mais acalmava a mente e o coração de Baine Casco Sangrento era Pandária. Enquanto guerreiro, admirava a habilidade e a destreza demonstrada pelos monges do templo Xuen. E, no entanto, algo o inquietava.

Podia-se dizer que as vítimas do primeiro grande crime perpetrado por Garrosh, na Horda, foram os taurens: a morte do pai de Baine, o grande e saudoso Caerne Casco Sangrento. Baine não tinha dúvidas de que seu pai teria emergido vitorioso de um duelo justo, como seria digno de um mak'gora. Caerne não fora morto por um golpe superior, mas por um veneno que fora aplicado à lâmina de Garrosh sem que ele soubesse.

Mas Garrosh estava ciente de que Magatha, a xamã que “abençoara” a lâmina, estava contra seu próprio povo; jamais deveria ter confiado em uma taurena que não se recordava nem honrava suas raízes. E foi assim que, num ato de traição, o mais valoroso dos taurens foi assassinado. Talvez fosse inevitável que Garrosh, inocente deste crime, acabasse se tornando perverso e cruel, capaz das atrocidades que posteriormente cometeria. Primeiro, aniquilou Theramore, lembrança que ainda assombrava os sonhos de Baine; depois, o Vale das Flores Eternas, ferindo o amor e a reverência profundos que o tauren sentia pela Mãe Terra.

O vale fora criado pelos titãs, uma terra de beleza impossível, abundância e harmonia. Selado após a derrocada da antiga raça dos mogu, guardiões zelosos cuidaram do vale. Somente agora a Aliança e a Horda haviam ganhado o direito de adentrá-lo. Fora necessário pou-

quíssimo tempo para que Garrosh Grito Infernal, com sua cobiça por poder, destruísse algo que perdurava há incontáveis milênios. As flores do vale não eram eternas afinal. Elas haviam desaparecido, não passavam de lembrança, embora uma vida nova — e uma nova esperança — tivessem chegado ao vale, depois da derrota dos sha.

Baine confiava na sabedoria e na justiça dos celestiais.

Então, por que estava tão agitado?

— Uma vez, eu disse a Garrosh que alguém ia cravar uma flecha no seu coração negro e que ele saberia quem foi. Conheço bem o motivo de sua inquietação.

Baine tomou um susto. Vol’jin aproximara-se tão silenciosamente que o tauren não havia percebido sua presença.

— É verdade. É difícil conciliar o que meu pai me ensinou sobre honra e justiça com o que eu realmente gostaria que acontecesse hoje.

— Bem-vindo ao clube — brincou Vol’jin. — Mas para começar do zero, vamos fazer como Varian falou. Garrosh já causou estrago demais vivo. Ninguém quer um mártir que influencie os orcs pro mal. Aquilo que os celestiais decretarem, ninguém tem direito de contestar.

Baine passou os olhos por Go’el, Eitrigg e Varok Saurfang. Go’el havia pegado o filho de Aggra e o embalava em seus braços. Tendo perdido o próprio pai de forma violenta, ele certamente estava decidido a acompanhar de perto o crescimento do filho, imaginou o tauren. Caerne fora um pai tão presente. A cena insuspeitada comoveu Baine. Pais e filhos... Grom e Garrosh, Caerne e Baine, Go’el e Durak, Arthas e Tereenas Menethil, Varok e Dranosh Saurfang. O tema recorrente devia ser um sinal da Terra Mãe para as forças grandiosas do bem e do mal que se manifestavam através destas conexões profundas.

— Espero que esteja certo — disse Baine a Vol’jin. — Foi Go’el quem pôs Garrosh no comando, e Saurfang nutre um rancor profundo por isto.

— São orcs. Aliás, orcs honrados, todos eles. Quem me preocupa é *outra* pessoa. Ninguém é capaz de tanto ódio quanto a Dama Sombria. E o ódio é um prato que ela gosta de servir bem frio.

O tauren fitou Sylvana. Ela estava sozinha, e sua postura era altiva. A maioria dos líderes trouxera outras figuras proeminentes de suas raças consigo; ele próprio trouxera Kador Canta Nuvens, o xamã que tanto lhe

reconfortara durante os tempos sombrios, e Perith Casco Tempestuoso, seu mais fiel caminheiro. Sylvana raramente era vista na ausência de suas Val'kyr, criaturas mortas-vivas que outrora serviram Arthas e que agora a serviam — e a haviam salvado. Porém, naquela ocasião, dispensara a companhia, como se sua presença poderosa e iracunda bastasse para ver Garrosh morto, sem auxílio nem permissão de ninguém.

Seus olhos percorreram a arena até chegar ao local onde os representantes da Aliança se reuniam. O jovem Anduin e a Grã-senhora Jaina, de cuja companhia já desfrutara — a lembrança abriu-lhe um sorriso triste —, compartilhavam uma xícara de chá. Havia uma elfa superior ao seu lado que parecia estranhamente familiar. Devia ser Vereesa Cor-reventos, irmã de Sylvana e de Alleria que estava desaparecida. Vereesa, no entanto, estava mais do que viva.

Aquele era o dia de abrir todas as feridas, pelo que parecia. Baine estava ansioso para que os celestiais chegassem logo e proferissem a sentença. De súbito, seus pelos se eriçaram e seu coração bateu mais leve no peito.

Quatro silhuetas assomaram contra a luz que vinha da porta. Quando elas adentraram a arena, Baine se deu conta de que reconhecia os Celestiais Majestosos com o coração e com o espírito, pois, aos seus olhos, eles haviam mudado completamente. Sempre os vira na forma de animais, mas, hoje, haviam escolhido encarnações diferentes.

Chi-Ji, a Garça Vermelha, portador da esperança, assumira a forma esguia de um elfo sangrento. Suas longas madeixas eram vermelho fogo, e o que Baine tomara por uma capa dourada eram, na verdade, asas. Xuen, o Tigre Branco, a quem pertencia o templo, encarnava um corpo humano de força controlada e movimentos fluídos, e tinha a pele e os cabelos marcados por listras pretas e brancas. Baine sentiu-se honrado ao ver que Niuzao, o indomável Boi Negro, decidira se mostrar aos olhos mortais como um tauren. Ele inspecionou os visitantes com seus radiantes olhos azuis, provocando enorme estrondo a cada passo de seus cascos reluzentes. A sábia Serpente de Jade, Yu'lon, escolhera a forma que mais intrigara Baine: uma filhote de pandaren. O tauren ponderava a questão quando seus olhos encontraram os dela e ela lhe abriu um sorriso. Deveras, optar por uma forma dócil e atraente era uma demonstração inegável de sabedoria, concluiu ele.



Os quatro celestiais atravessaram a câmara, dirigindo-se ao assento de onde Xuen conduzia as audiências. Baine sentiu a calma e a lucidez que lhe faltavam tomar conta de seu corpo. Respirou fundo e fechou os olhos em sinal de gratidão à presença dos celestiais.

Todos estavam em silêncio, aguardando ansiosamente que os celestiais se pronunciassem.

Mas eles não disseram nada. Em vez disso, viraram-se para contemplar uma figura que acabava de adentrar o templo.

Ela envergava uma armadura de couro negra, adornada na altura do ombro pela imagem de um tigre com os dentes arreganhados. O chapéu largo e o pano vermelho que lhe cobria o rosto teriam ocultado sua identidade, caso todos os presentes não o estivessem aguardando. Taran Zhu, líder dos monges Shado-pan, fez uma mesura desajeitada e sorriu, dirigindo-se ao centro do círculo com passos graciosos que não condiziam com a sua idade e formas redondas. Ato contínuo, fez uma mesura para cada uma das poderosas entidades e contemplou todos que estavam ali reunidos.

— Sejam bem-vindos — declarou ele. — Hoje, falo pelos celestiais e digo-lhes desde já que os recebemos com o coração cheio de gratidão. Peço-lhes que reservem o instante para apreciar esta cena, jamais vista neste mundo. Todos aqueles que desempenham um papel de liderança na Horda, e todos que falam pelos povos da Aliança estão reunidos aqui, hoje. Nenhum de vocês carrega uma arma na mão, e eu ordenei que erguessem um campo anulador para impedir o uso indevido da magia; inclusive a evocação daquilo que chamam de Luz. Estão todos aqui por um único propósito, como dantes outros propósitos nobres os uniram. Rogo-lhes que, por alguns instantes, olhem para os seus queridos amigos e honrados inimigos.

Baine olhou primeiro para Anduin, pois sabia que sua face não estaria contorcida numa expressão de ódio. Depois, seus olhos passaram pelo semblante austero dos anões e pelo focinho peludo de Genn Greymane. Vereesa parecia estar cerrando os dentes, assim como cerrava os punhos pequenos, mas fortes; quanto a Jaina, imaginou se estaria ciente de quão visíveis estavam a tristeza e o ressentimento em seu rosto. Ao longo dos minutos de reflexão, Baine notou que, em ambos os lados, alguns dos rostos tensos relaxaram, enquanto outros ficavam cada vez mais impacientes.

— Sob nossos pés, numa prisão muito bem vigiada, encontra-se aquele cujo destino será decidido: Garrosh Grito Infernal — retomou Taran Zhu.

Baine engoliu em seco. Faltavam-lhe as palavras. Sentia a tensão no ar, sentia o cheiro da raiva, do medo e da ansiedade. Mas o plácido monge preservava a calma.

— Disseram-lhes que o destino de Garrosh Grito Infernal seria decidido hoje. Pois bem, isto é verdade. Os celestiais não mentem. No entanto, eles não lhes revelaram tudo. Após muita discussão e meditação, chegaram à conclusão de que Garrosh não deveria ser julgado apenas por eles. Todos sofreram nas mãos dele, não só Pandária, embora seu povo tenha amargado duras penas. — Ele colocou a mão na cintura, onde Uivo Sangrento havia enterrado seus dentes, pouco tempo atrás. — Portanto, vocês também merecem participar. Não há dúvidas de que ele é culpado, mas nós faremos um julgamento justo, conduzido pela Horda e pela Aliança, para determinar seu destino, com a possibilidade de uma sentença reduzida, quem sabe até a liberdade.

Imenso alarido.

Baine não sabia quem gritava mais alto, Horda ou Aliança.

— Julgamento? Ele se vangloriou do que fez!

— Ele merece a morte! Tantos morreram em suas mãos!

— Vamos julgar a Horda *inteira*!

— Nós sabemos o que ele fez! O mundo inteiro sabe!

Os olhos de Xuen se estreitaram e a sua voz ressoou, pura feito o sino, afiada feito a espada:

— *Silêncio no meu templo!*

Foi obedecido. Satisfeito, fez um sinal para que Zhu prosseguisse.

— Os Celestiais sabem que Garrosh Grito Infernal é culpado de crimes horrendos. Não há dúvidas quanto a isso. O que devemos decidir agora é a maneira pela qual ele responderá por esses crimes. A questão não é se ele *deve ou não* ser responsabilizado, mas *como*. E a única forma de decidir isso é através de um julgamento. Assim, Horda, Aliança e quem mais tiver algo a dizer terão a chance de falar, e todos serão ouvidos.

— Mas os celestiais vão continuar sendo os juízes, júris e executores, não é? — Foi Lor'themar Theron quem perguntou. Baine ponderou

que a capacidade de “trabalhar em equipe” do elfo sangrento estava sendo testada ao limite.

— Não, amigo Lor'themar — respondeu Taran Zhu. — Os celestiais, de fato, se ofereceram para ser o júri, mas estão abertos a sugestões. Seria uma honra para mim desempenhar o papel de fã'shua, isto é, de juiz. Os celestiais são seres sábios e buscam a justiça verdadeira. Eu vim a conhecer muitos dos que se encontram aqui presentes. Elegeremos, segundo a antiga lei pandarena, representantes da Aliança e da Horda para atuarem como acusação e defesa.

— Ele já é culpado... você mesmo disse — interveio Vereesa. — Neste caso, como pode haver defesa e acusação?

— O defensor buscará uma sentença mais branda. O acusador, evidentemente, uma mais severa. Escolham alguém entre si. O outro lado terá direito a um veto.

— Pois que se vete todo o procedimento! — Irrompeu Genn Greymane — Garrosh Grito Infernal é um açougueiro, ele liderou a Horda na guerra contra nosso povo, causando um massacre! Se vamos conduzir um julgamento, que seja um julgamento de verdade, para todos os líderes da Horda. Na melhor das hipóteses, eles não fizeram nada para impedir Garrosh; na pior, apoiaram-no ou — Genn lançou um olhar cheio de ódio sobre Sylvana — juntaram-se à ofensiva! — Ergueu-se um coro raivoso, em concordância com o worgen. Baine lamentou ao ver que Jaina unia sua voz ao coro dos descontentes.

— Isto demoraria tempo demais — retorquiu Taran Zhu, calmo. — Nem todos dentre nós são dotados de tamanha longevidade.

— A Aliança — cuspiu Gallywix — *sequer* deveria estar envolvida. Garrosh deveria ser julgado pelos seus pares para garantir que nos compense pelo mal que nos fez.

— Compensação financeira, é isto que você quer! — Riu Mekka-torque, com desdém.

— Seria uma forma de compensar, de fato — Assentiu Gallywix. Taran Zhu suspirou e ergueu as patas, pedindo silêncio.

— O líder de cada facção decidirá. Vocês estão de acordo com os termos que apresentei, Chefe Guerreiro Vol'jin e Rei Varian Wrynn?

O troll e o humano se fitaram por um longo momento, então Vol'jin fez um meneio positivo.

— Os celestiais têm uma visão melhor das coisas que a gente, que tá no olho do furacão. Além disso, tu é um cara honrado, Taran Zhu. Prefiro ter a chance de ser ouvido do que simplesmente receber uma decisão. A Horda concorda.

— A Aliança idem — declarou Varian, de prontidão.

— Vocês serão levados a um lugar onde escolherão seu Defensor e Acusador — instruiu Taran Zhu. — Lembrem-se, há apenas um veto para cada lado. Escolham com sabedoria.

Ji Pata de Fogo, que até então estivera isolado num canto, aproximou-se de Vol'jin e fez-lhe uma mesura desmedida.

— Eu o levarei a uma ala lateral do templo, onde haverá fogo — então, sua face peluda abriu-se num enorme sorriso e seus olhos reluziram —, comida e bebida.

O pandaren cumpriu a promessa. Quinze minutos depois, Vol'jin, Go'el, Aggra, Baine, Eitrigg, Varok Saurfang, Sylvana, Lor'themar Theron e Jastor Gallywix estavam sentados num tapete que, embora pouco decorativo, insulava-os da pedra fria. Foram servidos de carne e bebida, e o fogo prometido aquecia o ambiente.

O troll indicou a comida com um gesto e disse:

— A cabeça pensa melhor quando a barriga tá cheia.

Eles comeram e, é claro, como estavam em Pandária, havia bastante cerveja para ajudar a comida a descer. Depois que todos terminaram, Vol'jin foi direto ao ponto, sem rodeios:

— Irmãos e irmãs órquicos, todo mundo sabe da consideração que tenho por vocês. Mas se a gente escolher um orc para defender Garrosh, é certeza que a Aliança vai vetar.

— É lamentável como Garrosh pôde ir tão fundo, chegando ao ponto de reduzir toda uma raça perante os olhos das outras. Por bem ou por mal, nada que um defensor órquico possa dizer será levado a sério — assentiu Go'el.

— Pelo contrário, acredito que seria bom para todos ver um orc se portar com honra num evento público de tais proporções. Eitrigg é conhecido pelos modos calmos e pela cabeça sensata — discordou Baine.

Mas o velho orc já estava balançando sua sábia cabeça antes de Baine terminar de falar.

— Estimo muito suas palavras, Grande Chefe, mas Goël tem razão. Eu, ele e Saurfang teremos a oportunidade de falar se quisermos. Foi o que Taran Zhu nos disse, e eu acredito na palavra dele.

— Eu defenderei Garrosh — prontificou-se Sylvana. — Todos sabem que eu e ele estamos em desacordo. A Aliança jamais me acusaria de ser leniente com ele.

— Tu daria uma ótima Acusação, é verdade — interveio Vol'jin, — mas nós tamo querendo é um *defensor*.

— Não me venha com essa, Chefe Guerreiro — retorquiu Sylvana. — Ninguém quer ver Garrosh sair deste lugar se não for para o corredor da morte! Você sabe disso! Você mesmo, uma vez, disse que...

— Sei o que eu disse melhor que tu, Sylvana — interrompeu Vol'jin, num tom baixo e ameaçador. — Não foi tu quem foi abandonada com a faca no pescoço. Sei muito bem o que todos sofremos no governo de Garrosh. Mas sei também que os celestiais querem que a gente seja o mais justo possível, dentro das nossas limitações mortais. Acredito que só uma pessoa pode fazer este trabalho. Uma pessoa respeitada tanto pela Horda quanto pela Aliança, que não possui amor nenhum por Garrosh, tampouco mentirá, e certamente dará o melhor de si.

Ele se voltou para Baine.

Por um instante, o tauren achou que Vol'jin só queria a sua opinião. Então, ele compreendeu.

— *Eu?* — perguntou ele. — Pela Mãe Terra, Garrosh matou meu *pai!*

— Você acaba de confirmar o argumento do Chefe Guerreiro — interveio Lor'themar. — Apesar do mal que Garrosh lhe fez, você se manteve leal à Horda o tempo inteiro, pois acreditava que Garrosh feria não só a si, mas à Horda também. A Aliança possui muitos espiões, e você tem um bom histórico com a grã-senhora Proudmore.

Baine se voltou para Goël, seus olhos grandes imploravam ao orc que interviesse. Em vez disso, Goël sorriu.

— Os taurens sempre foram o coração da Horda. Se existe alguém capaz de defender Garrosh perante todos, este alguém é você, meu amigo.

— Eu não quero defendê-lo. Quero o mesmo que vocês. Garrosh merece mil vezes a morte.

— Faça com que o escutem — falou alguém que até então estivera em silêncio. A voz era grave e forte, apesar da idade avançada, e conti-

nha uma nota profunda de dor. — Não há dificuldade alguma em arremessar uma lista de atrocidades na cara de Garrosh — declarou Saurfang. — O desafio será fazer com que o juiz e o júri escutem com calma o que você tem a dizer, sabendo o quanto você sofre. Somente você será capaz disso, Baine Casco Sangrento.

— Sou um guerreiro, não um sacerdote! Não encho minha boca de palavras amáveis, tampouco toco a lira do coração.

— Garrosh também é guerreiro — argumentou Go'el. — Por bem ou por mal, você é o mais próximo que temos de um representante.

Baine rangeu os dentes.

— Se fui leal à Horda e ao meu chefe guerreiro, quando este título pertencia a Garrosh, certamente serei leal a você, que sempre se mostrou valoroso, Vol'jin.

— Não tô te dando ordem nenhuma — disse Vol'jin, colocando a mão no ombro do tauren. — É o teu coração que tu tem que seguir.

As coisas não estavam saindo da forma como Sylvana Correventos esperava. Não mesmo, nem de longe.

Primeiro, ela desejava — como qualquer membro da Horda, até mesmo Go'el que tinha o coração mole — que tivessem sido convocados para decidir qual deles levaria a cabo a cobiçada tarefa de matar Garrosh. De preferência, de modo lento e bastante doloroso. Varian Wrynn já havia adiado este glorioso desfecho por tempo demais. Ouvir que os celestiais queriam conduzir um julgamento inteiro era patético. Até mesmo eles e Taran Zhu admitiam que Garrosh era culpado. A própria ideia de “justiça” e de “não agir por vingança” já lhe causava náusea, e não valia o tempo e a energia consumidos. A única parte boa naquilo tudo era a esperança de poder acrescentar à montanha de evidências dos crimes de Garrosh a sua parte da verdade, refletiu ela. Também ficou satisfeita por Taran Zhu ter sido o pandaren escolhido para ser fa'shua. Ele era o único pandaren que acataria uma pena de morte, ponderou ela; os outros pandarens que conhecera se contentariam em derramar litros de cerveja na goela do orc até ele ficar bêbado e começar a soluçar que estava arrependido.

Não esperava ser escolhida como defensora e sabia que, como dissera Vol'jin, estaria melhor como acusadora, quando muito.

Mas Baine?

O “guerreiro” mais sereno que já conhecera, membro de um povo gentil entre os gentis.

Um despropósito. Era tudo um grande despropósito. Baine tinha ainda mais motivos do que ela para querer Garrosh morto. O orc era praticamente a nêtese de Baine, e, ainda assim, Sylvana tinha certeza de que, tendo aceitado o encargo, ele provavelmente desenvolveria um argumento tão bom que, ao fim do julgamento, todos levariam flores a Garrosh.

Com as orelhas caídas, o tauren suspirou:

— Aceito a tarefa, embora não faça a menor ideia de como cumpri-la.

Sylvana teve que se segurar para não contrair o rosto num esgar.

— A Aliança já escolheu o acusador. Se vocês já tiverem terminado, podemos voltar à arena — disse Ji, enfiando a cabeça pelo vão da porta.

Eles o acompanharam de volta, pela trilha coberta de neve. Os representantes da Aliança já se encontravam ali e se voltaram para contemplá-los. Taran Zhu esperou todo mundo chegar e, então, se dirigiu aos dois grupos:

— Vocês tomaram a sua decisão. Chefe Guerreiro Vol’jin, quem vocês escolheram para defender Garrosh Grito Infernal?

*Defender Garrosh Grito Infernal.* A mera menção destas palavras era uma ofensa.

— Escolhemos o Grande Chefe Baine Casco Sangrento, do povo tauren — declarou Vol’jin.

— Aliança, alguma objeção?

Varian se voltou para os seus companheiros. Ninguém se manifestou. De fato, como previra Vol’jin, vários dentre eles pareciam satisfeitos com a decisão. Para o espanto de Sylvana, o rebento de Varian exibia um sorriso discreto no rosto.

— A Aliança aceita a decisão por Baine Casco Sangrento, a quem imputamos grande honra — anunciou Varian.

Taran Zhu assentiu.

— Rei Varian, quem a Aliança escolheu para acusar Garrosh Grito Infernal?

— Eu servirei a este propósito — replicou Varian.

— Absolutamente! — retorquiu Sylvana — Já basta das suas ordens! — Ela não estava só, outras vozes raivosas se ergueram em protesto, e Taran Zhu teve que gritar para ser ouvido.

— Paz, paz! — Apesar do teor das palavras, seu tom era imperioso, e fez com que os gritos se reduzissem a murmúrios e, finalmente, ao silêncio. — Chefe Guerreiro Vol'jin, você deseja exercitar seu direito de recusar o Rei Varian enquanto acusador?

Varian possuía alguns amigos na Horda. Muitos reprovavam sua aparente mudança de personalidade, e mesmo sua recusa em ocupar Orgrimmar não lhe rendera muito reconhecimento. Os humanos eram o inimigo, e assim seria *para todo o sempre*. Sylvana percebeu que o julgamento, que já causava desgosto à Horda, se tornaria ainda mais amargo se Varian fosse o acusador. Aparentemente, Vol'jin chegou à mesma conclusão.

— Desejo, Lorde Taran Zhu. A gente vai usar o veto — decretou o troll.

Curiosamente, a Aliança não tentou dissuadir a Horda. Sylvana, que estava atenta para a reação, compreendeu o truque assim que anunciaram o novo nome.

— Então nossa escolha para o papel de acusador será a Alta-sacerdotisa Tyrande Murmuréolo — disse Varian, num tom suave.

Tyrande Murmuréolo. De todas as raças, inclusive a humana, os elfos noturnos era a que mais odiava os orcs. E com razão, levando-se em conta o amor que sentiam pela natureza e o empenho dos orcs em construir prédios e maquinário de guerra. A princípio, Sylvana se sentiu ultrajada. Depois, ponderou se era, de fato, uma escolha tão ruim quanto parecia. A maioria dos membros da Horda teria preferido acusar Garrosh, ao invés de defendê-lo, como a relutância de Baine bem demonstrava.

Quando os olhos cintilantes de Tyrande percorreram a Horda, Sylvana não vislumbrou ali o menor sinal de empatia. Tyrande era uma sacerdotisa, mas também conhecia a guerra.

Taran Zhu retomou a palavra. Explicou como funcionavam as questões de ordem na lei pandarena e como iriam se desenrolar, mas a Rainha Banshee não estava prestando atenção.

— Bela jogada, Aliança — murmurou ela, em sua antiga língua élfica.



— Eles escolheram Varian sabendo que iríamos vetá-lo, de modo que pudessem colocar alguém ainda mais determinado no seu lugar, caso algum de nós ainda possuísse alguma afeição por Garrosh — respondeu alguém na mesma língua. — Acho que ainda não entenderam que nós o odiamos tanto quanto eles.

Sylvana se voltou para Lor'themar e franziu a sobancelha. O líder dos sín'dorei sempre fora cortês, mas sempre que Sylvana tentava se aproximar para estreitar laços, ele a tratava com frieza e rancor, sempre resguardando sua dignidade. Será que aquela conversa em talassiano indicava uma mudança de postura? Será que isto se devia ao fato de ele ter sido ignorado para o cargo de líder da Horda?

— Ela não morre de amores por Garrosh — prosseguiu Sylvana.

— Ela não morre de amores pela Horda tampouco — contrapôs Lor'themar. — Talvez Vol'jin se arrependa de não ter aceitado Varian quando teve a chance. Enfim, teremos que aguardar para ver.

— Como sempre — finalizou Sylvana, curiosa para ver como o elfo prosseguiria naquela parceria implícita. Aparentemente, ele não ouviu esta última parte, pois fazia uma mesura a alguém no lado da Aliança, cujos representantes se organizavam numa fila. Sylvana virou-se para ver de quem se tratava.

Mas é claro: Vereesa e Lor'themar haviam se encontrado recentemente. A cortesia de sua irmã perante o líder sanguinéfico surpreendeu Sylvana. Ela ficou ainda mais surpresa quando, depois de cumprimentar Lor'themar, Vereesa a olhou no fundo dos olhos por um longo instante.

Era a primeira vez que as irmãs Correntos — duas delas, ao menos — se encontravam em anos. Era de se esperar que o reencontro provocasse emoções intensas em Vereesa. No entanto, no seu rosto não se via tristeza nem amargor.

Tudo que havia ali era uma determinação algo sinistra e uma espécie de... satisfação.

E Sylvana não entendia o porquê.